

Contra-pedagogia do contágio¹

Against-pedagogy of contagion

Santiago Diaz

Há muito tempo, toda experiência cotidiana de nossa contemporaneidade tem um certo ar viciado, a atmosfera é densa e sufocante, a respiração pulsa entre tímida e cautelosa. Diante do regime de verdade asséptica que esta pandemia tem produzido em nossas vidas, qualquer espirro minúsculo pode detonar uma pequena bomba de terror próxima, um eventual linchamento de olhares, até mesmo a doutrinação comportamental que ordena colocar a máscara ou um convite à retirada. A vida se tornou demasiado asfíxica, demasiado policial.

As ruas se converteram em uma espécie de hospital ampliado, corredores de um nosocômio profilático, que são percorridos quase paranoicamente evadindo, esquivando, evitando tudo que se aproxima. O distanciamento social preventivo tem seus efeitos e custos. Se desde Freud todo contato era sexuado, agora todo contato é percebido como infectado, a vida precária sucumbe ao poder terapêutico de uma pedagogia do "neoviralismo".

Entretanto, há muito tempo, sabemos também que a pedagogia acaba sempre por ser o exercício hegemônico de fundar uma determinada ordem a partir do senso comum. Nosso tempo está efetuando uma pedagogia do vírus que vem nos ensinar que, separados e cuidados, somos responsáveis, não só por nxs mesmxs, mas por todxs aqueles com quem nos relacionamos. Esta é uma pandemia de temerosa responsabilização e cautelosa protocolização da vida.

No cotidiano, toda superfície é suspeitosamente infecciosa, o álcool gel é o ponto final de todo contato, a retirada imediata, o balbúcio distanciado turva a comunicação, a irritabilidade, a exasperação, a impaciência: sintomatologia emergente da pedagogia profilática, sonho² da sociedade terapêutica.

O que a pandemia vem ensinar é o extremo cuidado à distância, o respeito higiênico e a "boa" cidadania civilizada, a moralidade asséptica da responsabilidade honrosa, a obediência tranquilizadora ao comando do governo e as tão esperadas distâncias formais dos protocolos de todos os tipos. O protocolo é um calmante. Sem protocolo, o medo explode.

Uma pedagogia repelente de todo contato só pode ensinar, na abstração calculada de uma formalidade estéril, na afetividade debilitante do medo e do ódio, a insegurança latente em cada expulsão abrupta de fluxos nasais ou na inadvertida aproximação de uma bochecha ávida por saudações beijoeiras.

A pandemia ensina a repulsa, a rejeição e a segregação, mascaradas de boa cordialidade e gestos gentis e distantes. A pandemia é uma pedagogia da crueldade, uma lógica político-pedagógica de ordenação hierárquica de corpos, dos gestos, dos modos e das sensibilidades que sustentam tudo o que é neoliberal como único e obrigatório regime de verdade.

Mas há outra pedagogia de fundo, pulsando subjacente, uma mais secreta e antiga, que se irradia subcutaneamente pelos poros, silenciosamente, quase imperceptível, como a respiração e o hálito quente do bocejo

Santiago Diaz

**Universidade Nacional de
Mar del Plata**

Instituto Superior de Formación
Docente N° 84

Red de investigadores de
Cuerpo, Arte, Política

ludosofias@gmail.com

1

Tradução, feita por Leonardo Pinto de Almeida, do texto *Contrapedagogía del contagio* originalmente escrito em espanhol por Santiago Diaz. Para escutar este artigo na língua em que foi escrito originalmente: <https://soundcloud.com/colectivo-santiago-diaz/contrapedagogia-del-contagio-2020>

2

N.T. Tradução de *sueño* que, além de corresponder semanticamente, ao ato de dormir, o sono, na língua portuguesa, significa também sonho.

inicial. O vírus não é a pandemia, nem a sua causa ou motivo, o vírus é o nome de uma contra-pedagogia da vida no seu sentido mais grosseiro: *o vivente*.

A pandemia como expressão político-pedagógica nada mais é do que a tentativa de ordenar essas expressões de proliferações anômalas da vida. Porque o vírus é intensidade aberrante, a potência transbordante do vivente que trama suas metamorfoses muito além de nossas esperanças e desejos. Como diz Emanuele Coccia (2017, p. 72), em *La vida de las Plantas*: “O mundo é contágio perpétuo”.

Em *Métamorphoses*, Coccia (2020) exprime aqui o que para nxs se apresenta como mais sensivelmente afim à contra-pedagogia do vírus: que esta produção vibrante do vivente é uma força de pura transfiguração que circula de vida em vida, sem se limitar aos limites dos corpos ou dos países. Há uma proliferação incessante do vivente que excede, transborda, extravasa toda intenção de captura política e ordenamento sanitário. Não pertence a nenhum indivíduo – ele os excede –, tem essa capacidade maravilhosamente inadequada de transformar todas as existências vivas e de mudar sua condição mais identitária. Talvez possamos também chamar essa presença incerta de: o contemporâneo.

E talvez poder dizer que a contemporaneidade é uma condição de presença que implica a experiência viva de tudo o que nos excede, que por sua vez se torna inalcançável e distante, mas paradoxalmente mais íntima do que a nossa própria existência. Subanímica, como o vírus, a contemporaneidade é uma experiência aberrante de tudo o que é abundantemente cru e germinal que porta uma experiência. É tempo de aceitar que não fomos educados para sustentar tamanha experiência.

A contra-pedagogia do vírus é um contágio minúsculo, ínfimo e quase imperceptível que desarruma toda a nossa integridade; é como o desejo, o vírus é erótico – uma erótica viral? – porque nos infecta e nos potencializa, singular e coletivamente, à força de nos refazer em todas as relações, em tudo o que fazemos, sentimos e necessitamos. O vírus desdobra toda uma contra-pedagogia da vida organizada, do tempo regulado, da continuidade infértil das rotinas. Talvez seja hora de deixar passar o vírus e sua pedagogia erótico-política.

Além disso, torna-se necessária a elaboração de uma ética desejante que nos torne dignos do que essa erótica do contágio nos faz sentir, porque o sabemos: o desejo contagia e a paixão transborda. São dois procedimentos existenciais diferentes. A paixão impõe-se como essência filial identitária que remete ao outro necessário e auto afirmante da moral, o reverso imediato da pandemia: o passional da identidade neoliberal, que se concretiza nas chamadas marchas “anti-quarentena”, onde se desembocam em discursos vociferados a gritos, desde uma simples proclamação pela liberdade dos direitos individuais, das propriedades privadas e de uma revulsiva obediência às normativas que regulam a sua precária cidadania, santos devotos ao capital, ao uso e aos bons costumes coloniais. Mas a pandemia não é o vírus, o contágio sob a pandemia está censurado porque é a abertura para a proliferação desmedida do impróprio. O vírus é exuberância latente.

A pergunta que fica é evidente: como imaginar uma proliferação, uma propagação, um devir, um contágio sem filiação ou produção hereditária? A erótica do contágio nada tem de paixão ou filiação identitária: há uma necessidade imperiosa que se transforma na aberrante atitude de transfigurar toda valorização ingênua e fazer da desobediência mais minúscula, cuidada na proximidade, no mínimo toque. Esta contra-pedagogia do contágio é o que faz proliferar uma vida monstruosa, *contra a natureza*, que não deixa de ser a vida que se faz como povoados, bandos, manadas, catástrofes e turbulências, como bodas contra a natureza, que são a

verdadeira Natureza que atravessa os reinos, dizem Deleuze e Guattari (2010, p. 247).

A propagação por epidemia, por contágio, nada tem a ver com a filiação por herança, mesmo que ambos se misturem e precisem um do outro. O vampiro não filia, contagia. A diferença é que o contágio, a epidemia, põe em jogo termos completamente heterogêneos: por exemplo, um homem, um animal e uma bactéria, um vírus, uma molécula, um microrganismo. Ou, como no caso da trufa, uma árvore, uma mosca e um porco. Combinações que não são genéticas nem estruturais, inter-reinos, participações contra a natureza, assim é como procede a Natureza, contra si mesma. (...) O Universo não funciona por filiação. Assim, dizemos apenas que os animais são rebanhos, e que os rebanhos se formam, se desenvolvem e se transformam por contágio (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 248).

A potência contra-pedagógica do vírus é trazer-nos este antigo saber: que a vida prolifera heterogeneamente *entre* os corpos, *entre* as espécies, *entre* os “reinos”, que compõem a infinita e inalcançável presença contemporânea do vivente. Sua memória é um grande corpo aberto que se erotiza e engendra sem responder a ordens prévias ou protocolos coitados. O vivente é um grande Corpo Sem Órgãos que não cessa de sustentar a intermitência germinal de sua própria condição: abundar em conexões dissimilares, esquivas, diversas, inesperadas. O vírus é seu sêmen / óvulo mais fértil.

O que essa contra-pedagogia ensina é a experiência que nenhuma instituição de ensino se atreve a ensinar: a vitalidade crua e inesperada do incerto. Por isso, o vírus é o nosso Corpo sem Órgãos: traz-nos a recordação da intensidade vivente da nossa natureza mutante, múltipla mutável, da multiplicidade, do bando, do rebanho que somos. O “sem órgãos”, o inorgânico deste corpo coletivo vivente, não é a condição potencial de uma manipulação da disponibilidade material da natureza, para a realização da essência humana; ou pior, o recurso instável que necessita ser resolvido e ordenado em um trabalho que realiza a vida verdadeira; ou ainda mais terrível, que essa condição inorgânica seja uma objetividade inerte de livre uso e usurpação. Aqui, o inorgânico é uma linha de intensidade que desorganiza, justamente, todas as pretensões de dominação e manipulação, é um sismo, um vulcão ativo, a tempestade, o vírus. É a resistência fértil de uma política teratogênica, ou melhor, *teratopolítica*.

Assim, o vírus é uma potência do vivente e, como potência, não tem valor declarado de antemão. É apenas uma força crescente que se expande e muda de acordo com suas relações e variações, como o pensamento. Porque o pensamento se dá sempre por contágio, a educação também, nossa micropolítica fecunda é contagiosa, a revolta e as dissidências são contagiosas... e por isso são temidas, porque não há maneira de capturá-las ou de aprisioná-las, de administrá-las ou de ordená-las, só são percebidas quando já estão fervendo no próprio sangue. Essa é a contra-pedagogia do contágio, e não a pedagogia da pandemia que só manda cuidar-se temerosamente em um mundo hospitaleiro, asséptico e higienista – como a moral cívica que a colonialidade nos impôs. Uma pedagogia pandêmica que manda o vigilantismo e o patrulhamento dos contatos, dos abraços, das aproximações e de todo afeto que não corresponda à profilaxia dos protocolos político-sanitários. O que é inquestionável é que será uma herança que se sedimentará nas atividades diárias e que dificilmente será erradicada quando tudo isso passar. A contra-pedagogia que o vírus nos traz é essa verdade que, como o saber do antigo fogo, nos adere ao fértil fundamento da natureza, dessa fecunda matriz do vivente. A contra-pedagogia do vírus é uma micropolítica ativa do próximo, dos contatos silenciosos, da escuta profunda e da atenção do suceder incerto; o que este ensino implica é uma aprendizagem das mutações, das aberrantes variações heterogêneas que o

vivente convida em sua vital provocação, uma incitação radical que não teme perder nada pelo caminho, porque sabe que a continuidade de sua potência fervilhante se estende muito além de qualquer indivíduo, cidade ou país.

Sua expressão é uma cosmopolítica que pouco contribui para dar conta de uma consciência humana sobre o planeta e suas problemáticas ecológicas, mas sim uma cosmopolítica radical do vivente em sua potência coletiva mais proliferante, essa potência *cosmopoiética* como diria Franco Berardi (2020), e que tem a vibrante condição de se expandir em sua abundância policromática andina, em sua exuberância amazônica, na densa vastidão do Saara e nos movimentos rítmicos dos oceanos, ou em sua "vontade de potência" que não para de incrementar suas formas e máscaras. Em suma, o que a contra-pedagogia do contágio nos aproxima é que o vivente excede qualquer plano de organização e de administração das vontades individuais, para abrir um *spatium* intensivo de proliferação aberrante, para iniciar a cada passo um processo cismogenético de mutação orgânica desde o próprio inorgânico, onde se desdobra secretamente essa *teratopolítica* que afirma as forças inesperadas de transfiguração radical da vida.

Referências Bibliográficas

BERARDI, F. **El Umbral. Crónicas y meditaciones.** CABA: Tinta Limón, 2020.

COCCIA, E. **La vida de las plantas. Una metafísica de la mixtura.** Bs. As.: Miño y Dávila, 2017.

COCCIA, E. **Métamorphoses.** Paris: Éditions Payot & Rivages, 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil mesetas. Capitalismo y esquizofrenia 2.** Valencia: Pre-Textos, 2010.

Santiago Diaz

(30 de novembro de 2020)